



NÃO TROPECE NA LÍNGUA n° 036

4ª Edição

por *Maria Tereza de Queiroz Piacentini* *

AGENTE DE POLÍCIA, VISAR (A) E PEGO

O leitor SAMG, de João Pessoa/PB, anota que é uma agressão à nossa língua “dizer *agente de polícia civil* ao invés de *agente da polícia civil*, pois se perguntarmos ao agente onde ele trabalha certamente ouviremos como resposta *na* Polícia, e não *em* Polícia”.

Não creio que seja bem assim. Vejamos por que digo isso.

A rigor, uma vez que se qualifique ou determine o segundo substantivo de uma locução, deveria se determinar o antecedente usando **da** e não **de**. Por exemplo: ele é chefe de gabinete. Se o gabinete é **da** Presidência, se diria, como consequência: ele é o chefe **do** gabinete **da** Presidência. Mas também é lícito dizer “chefe **de** gabinete da Presidência” quando se quer ou se precisa manter a unidade da expressão “chefe de gabinete”. Isto é: ele é **chefe de gabinete** (do gabinete) **da** **Presidência**. Subentende-se a repetição da palavra “gabinete”.

Outro caso semelhante é o do “projeto de lei orçamentária”, que está registrado, por exemplo, inúmeras vezes na Constituição Federal. Pode parecer estranho, mas tem a mesma lógica: **o projeto de lei** (da lei) **orçamentária**. Nesse tipo de estrutura está se evitando – reitero – a repetição do segundo substantivo (lei), que então estaria determinado pelo artigo. O “projeto de lei” forma uma unidade “imexível”: o “projeto da lei orçamentária” seria outra coisa, diferente do “projeto de lei (da lei) orçamentária”.

Chegamos, então, ao agente de polícia. O seu cargo é exatamente este: **agente de polícia**, assim como “delegado de polícia”. Mas qual polícia? perguntamos. – A polícia civil. Portanto, ele é um **agente de polícia da polícia civil**. Sem a repetição, dizemos: um agente de polícia civil.

REGÊNCIA DE VISAR

A pedido, repetimos a regência do verbo visar, complementando a abordagem da coluna Não Tropece na Língua 15.

* Diretora do Instituto Euclides da Cunha e autora dos livros “Só Vírgula”, “Só Palavras Compostas”



NÃO TROPECE NA LÍNGUA n° 036

4ª Edição

por *Maria Tereza de Queiroz Piacentini* *

I. Com o sentido de "dirigir o olhar ou a pontaria; pôr o visto em", é transitivo direto:

Visou o alvo / a refém / os pardais.

Os fiscais **visaram** o passaporte e demais documentos.

O gerente financeiro deve **visar** a folha de pagamento.

II. Com o sentido de "propor-se, dispor-se, ter em vista, pretender, objetivar", pode ser transitivo indireto (com a preposição A) ou direto:

O ensino **visa ao** progresso social.

O novo ambulatório **visa a** atender a população de baixa renda.

As notas, porém, **visavam** mais o professorado que os alunos.

As medidas propostas **visam** acabar com a corrupção no Brasil.

PEGO OU PEGADO?

Hoje em dia usam-se indiferentemente os dois participios – pego e pegado, seja com os auxiliares ter/haver, seja com ser/estar. **Pego** é a forma inovada e **pegado** a forma tradicional. Exemplos:

Ele foi pego em flagrante.

Ele foi pegado à força.

Não tenho pego resfriado ultimamente.

Não temos pegado peixes graúdos.